



João, o arranjador

Coisa pouco vista em João Gilberto é sua capacidade de escolher vozes dentro da harmonia, colorindo cada passagem com matizes inesperados, dando uma elegante cintilação a estes tons. É a qualidade de um perfeito arranjador concentrada em um único instrumento. Dizendo isto estamos considerando que João Gilberto é um pouco muito mais que o inventor de uma nova batida e cantor revolucionário. João é um tremendo músico, sempre capaz de uma visão original sobre qualquer canção.

Os seguidores de João Gilberto nunca alcançam sua qualidade de arranjador. Pegam aqueles acordes de sétimas e nonas pré-estabelecidos, cantam suave, e pronto, estão satisfeitos. Em qualquer música o burilamento da harmonia feito por João Gilberto é minucioso, sofisticado e, ainda assim, fácil de se perceber. Tal qualidade ressalta especialmente em três peças instrumentais: *João Marcelo*, do disco gravado no México com João Donato na cozinha e na sala; *Na Baixa do Sapateiro*, do disco branco (Verve), e *Um Abraço no Bonfá*, do segundo disco, de 1960.

Vejamos, por enquanto, a primeira delas. *João Marcelo* é uma espécie de choro, onde a melodia se abriga inicialmente na ponta dos acordes: a nota mais aguda canta a melodia. É o procedimento normal no violão; os outros dedos, indicador e médio, harmonizam; o polegar faz a linha do baixo. Trata-se, portanto, de um quarteto de vozes (o quinto dedo, o mindinho, é

Em qualquer música o burilamento da harmonia feito por João Gilberto é minucioso, sofisticado e, ainda assim, fácil de se perceber

pouco usado no Brasil, ao contrário da escola flamenga, por exemplo). Porém, na segunda parte, a melodia passa para a voz mais grave, a comando do polegar, e os outros dedos harmonizam. Experiências de violonista, certamente, mas também do cantor proveniente dos conjuntos vocais pré-bossa nova. Na repetição de tudo isso, as flautas retomam o primeiro tema, enquanto o segundo ficará com as cordas. Perto do final voltam aquelas para terminar a melodia. O importante é que, quando os outros instrumentos entram, o

violão não é mais o do começo, o arranjo não é preguiçoso. João agora acompanha os solistas, dando uma leve balançada na batida, imprimindo sua marca no choro. Às vezes as notas do seu baixo coincidem com as cordas, para logo depois tomarem outro rumo.

João Marcelo é um choro moderno, próximo a um estudo para violão. Abrange, num arco prodigioso muito característico do artista, décadas de música brasileira, do maxixe de João Pernambuco às harmonias de Garoto, passando por Radamés, resvalando em Villa-Lobos e chegando, enfim, na bossa nova.

Em outra ocasião a gente fala da *Baixa do Sapateiro* (que é extraordinária em tudo de que estamos falando) e do *Abraço no Bonfá*.

REPRODUÇÃO



João Gilberto tem como maior virtude a originalidade

Partituras

Experimentando os acordes de *João Marcelo* no violão, penso em algo muito óbvio e simples: alguém podia responder – o Ministério da Cultura, as universidades, o mercado editorial, os músicos – por um programa que documente a música popular brasileira em partituras. O material que se tem para estudo é ainda esparsos. Há muita coisa, não tudo, de Pixinguinha, por exemplo. De Tom Jobim também, com os livros de Almir Chediak e o *Cancioneiro Jobim*, da Jobim Music. Chediak, aliás, deu início a uma nova era, com seus songbooks (Noel, Chico, Caetano, Edu, Gil, bossa nova etc.). Sabemos de outros livros em andamento, como os de Milton Nascimento e Toninho Horta. Mesmo assim, é só a ponta do iceberg.

Tom Jobim certa vez observou que a música escrita é que permanece. Se você quer aprender a música de um grande músico popular, o disco – o ouvido – é o melhor caminho. Mas a partitura (com qualidade) torna tudo mais rápido, mais claro e eficiente. Para a pedagogia musical é imprescindível.